

COMÉRCIO VAREJISTA DE BICICLETAS

BOLETIM TÉCNICO 2021

APOIO

IDEALIZAÇÃO

Aliança Bike - Associação Brasileira do Setor de Bicicletas

COORDENAÇÃO GERAL

Daniel Guth

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Lucas Antonio Cividanes Gomes

COORDENAÇÃO COMUNICAÇÃO

Giuliana Pompeu

DIAGRAMAÇÃO

Michel Will

CONSELHO DELIBERATIVO (Aliança Bike)

Giancarlo Clini

André Ribeiro

Henrique Zompero

APOIO

Itaú Unibanco

COMÉRCIO VAREJISTA DE BICICLETAS

BOLETIM TÉCNICO 2021

ÍNDICE

1. Resumo.....	4
2. Estabelecimentos.....	5
2.1. Comércio Varejista.....	5
2.2. Reparação.....	10
3. Empregos.....	12
4. Tendências.....	22

1 RESUMO

Esse boletim apresenta um panorama do comércio varejista de bicicleta no Brasil com base nos dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) e do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) desde 2015. De maneira geral, nos últimos anos, o setor demonstra uma franca recuperação após uma queda do pico histórico, ocorrida na primeira metade dos anos 2010, com indicadores bastante promissores desde meados de 2020 especialmente em termos de números de empregos formais, apesar da tendência de queda observada no número de estabelecimentos até 2019.

2 ESTABELECI- MENTOS

2.1 COMÉRCIO VAREJISTA

Em 2019, cerca da metade dos municípios brasileiros contava com ao menos um dos 8.334 estabelecimentos ativos cadastrados com atividade econômica principal “Comércio varejista de bicicletas e triciclos; peças e acessórios”. Nos últimos anos, no entanto, esse número continua apresentando uma tendência de queda desde seu pico histórico na primeira metade dos anos 2010. De 2015 a 2019, o número de estabelecimentos desse tipo reduziu em aproximadamente -14%.

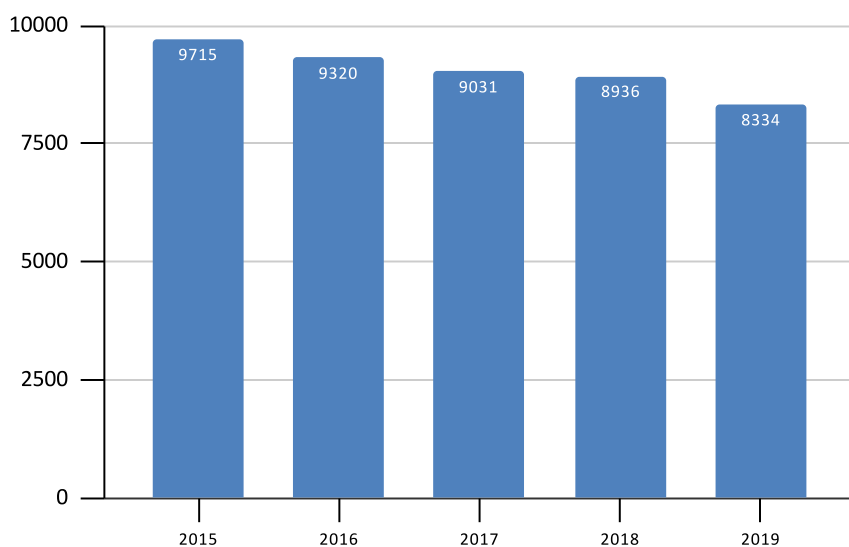


Figura 1 - nº de estabelecimentos (2015 a 2019)

Em termos de distribuição territorial, o destaque continua sendo a região Sudeste que, em 2019, concentrava 43% do total de estabelecimentos do país (encabeçada por São Paulo e Minas Gerais), seguida do Nordeste (com destaque para Bahia) e do Sul (com Paraná a frente).

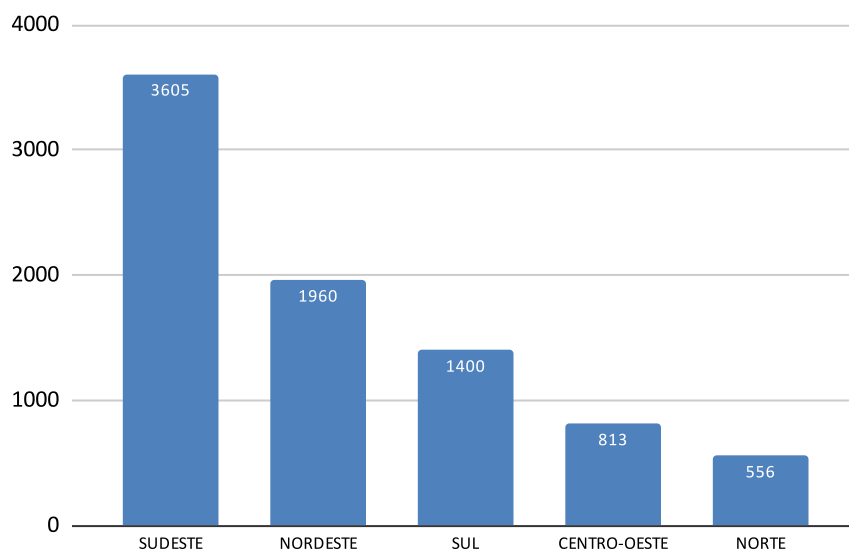


Figura 2 - nº de estabelecimentos (2019) por região

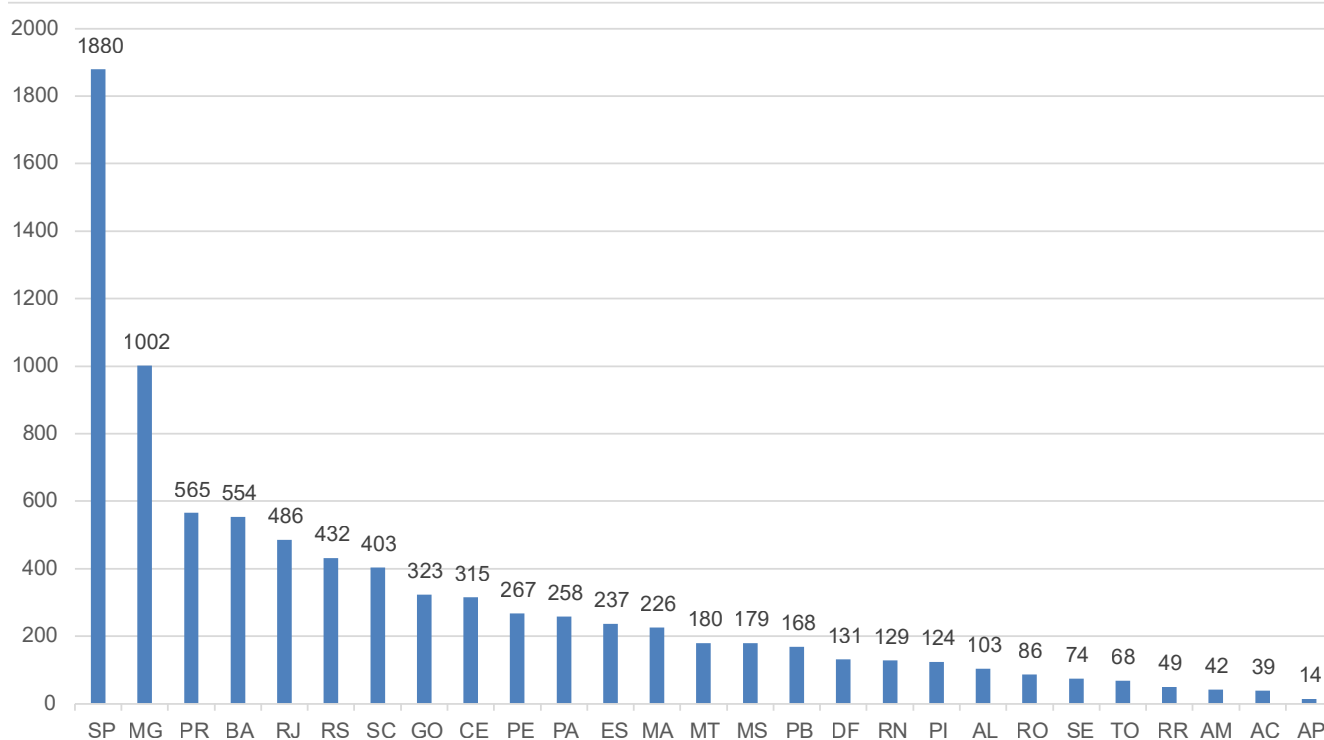


Figura 3 - nº de estabelecimentos (2019) por UF

Tomando a perspectiva dos municípios, São Paulo (SP) é a cidade que concentra o maior número de estabelecimentos seguida por Brasília (DF) e Rio de Janeiro (RJ). Excluindo as 27 capitais dos estados e do Distrito Federal, podemos ver que Vila Velha (ES), Ribeirão Preto (SP) e Joinville (SC) são também outros des-

taques. Em suma, as capitais concentravam, em 2019, cerca de 18% dos estabelecimentos de todo o país com o restante distribuído nos demais municípios.

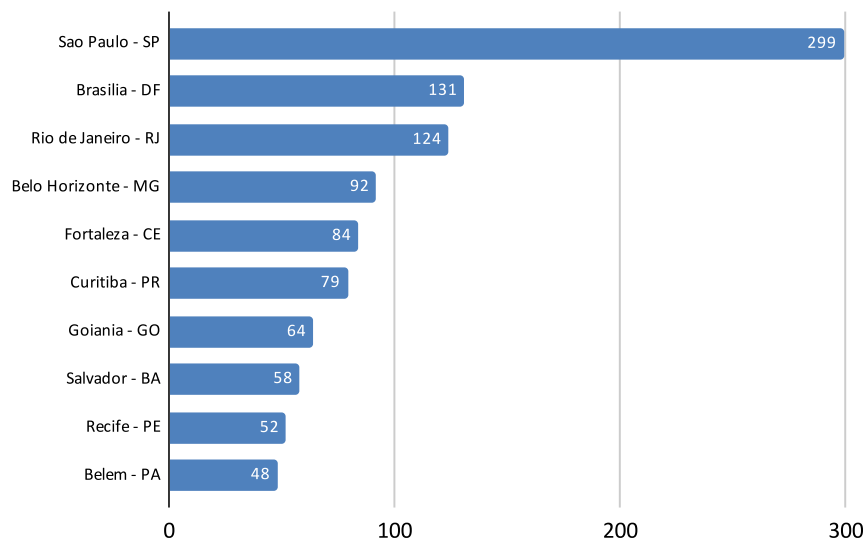


Figura 4.1 - top 10 n° de estabelecimentos (2019) por capitais

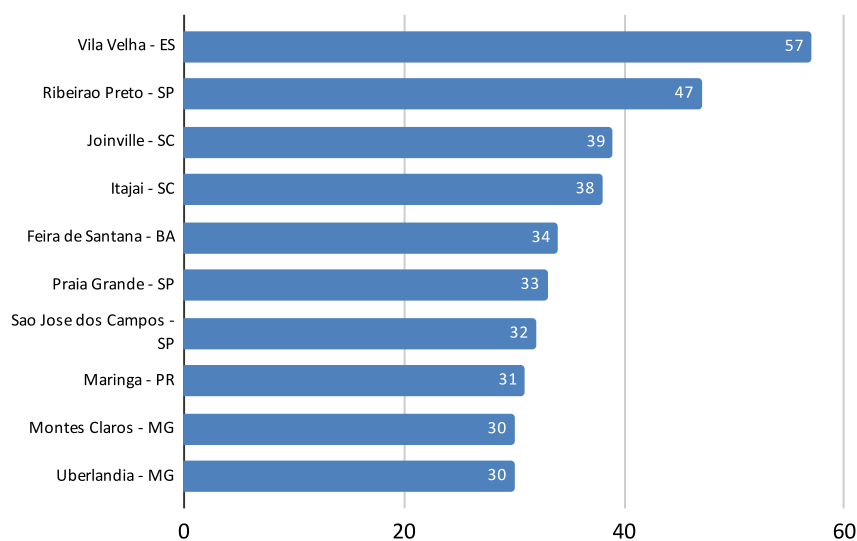


Figura 4.2 - top 10 n° de estabelecimentos (2019) por não-capitais

A análise da variação do número de estabelecimentos entre os anos de 2015 e 2019 revela também algumas tendências. Primeiramente, ainda que todas as regiões tenham apresentado uma variação negativa no período de cinco anos, a redução no Norte (-18%) é quase o dobro da observada na região Sul (-10%). No âmbito estadual, tal diferenciação fica ainda mais visível. Na contramão da tendência nacional, Santa Catarina foi o único estado a aumentar o n° de estabelecimentos no período (9%), enquanto o Amapá perdeu mais da metade da quantidade de empreendimentos ativos em 2015 (-52%).

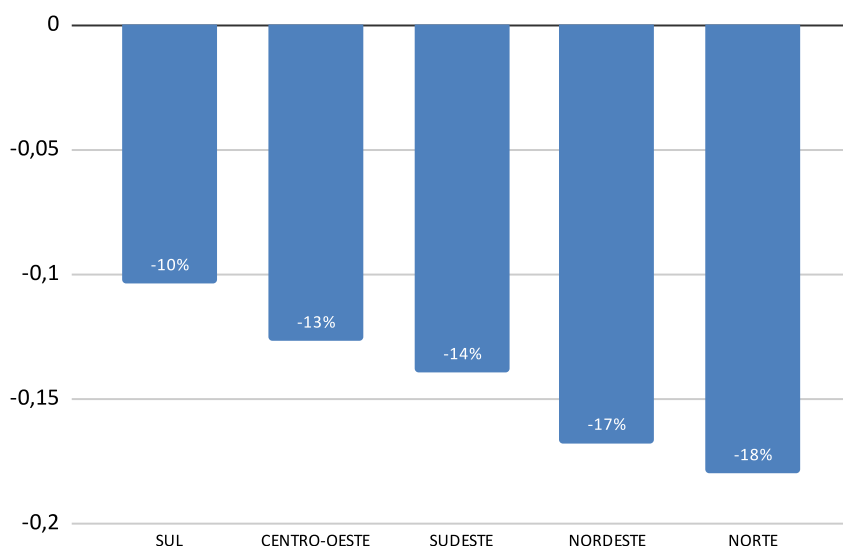


Figura 5 - var. perc. nº de estabelecimentos (2015-2019) por região

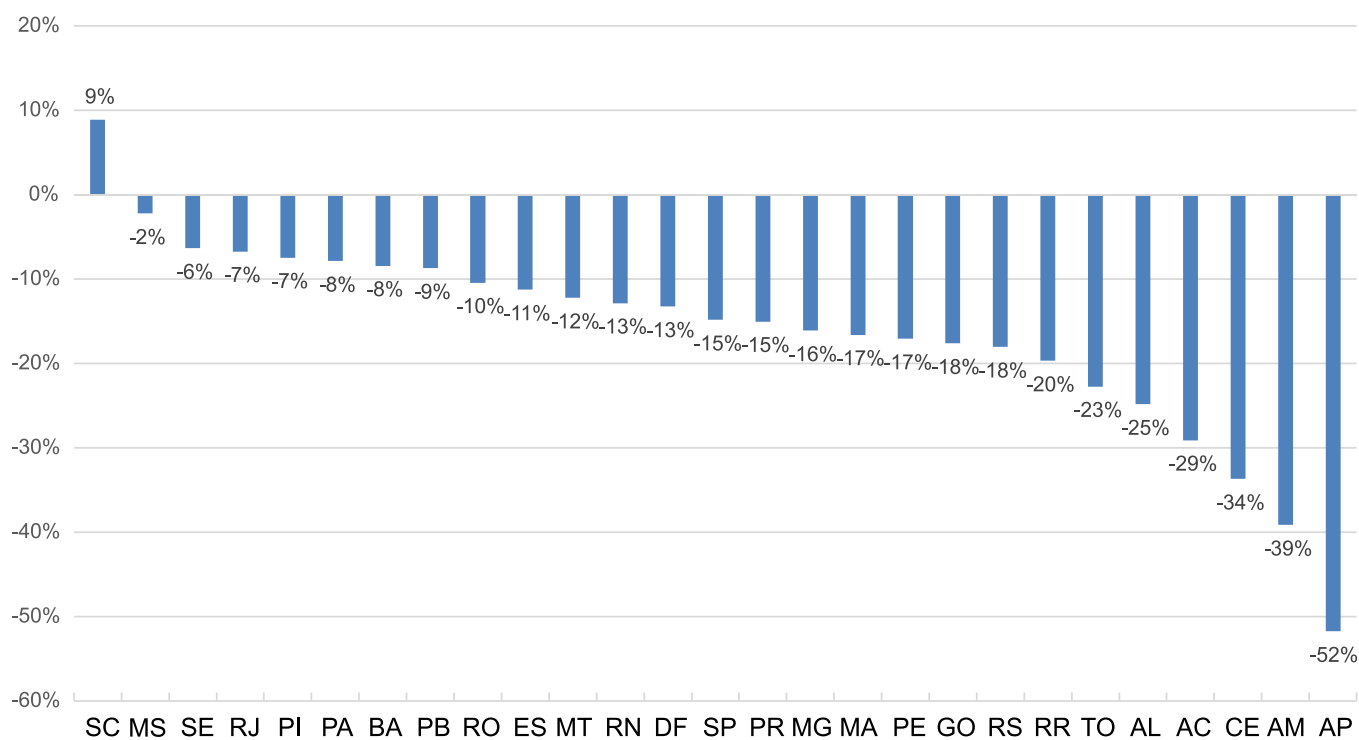


Figura 6 - var. perc. nº de estabelecimentos (2015-2019) por UF

Aproximando ainda mais a lente de análise, vê-se que alguns municípios tiveram, na realidade, um crescimento bastante expressivo. É o caso de Itajaí (SC) que mais que duplicou sua quantidade de estabelecimentos nos cinco anos analisados.

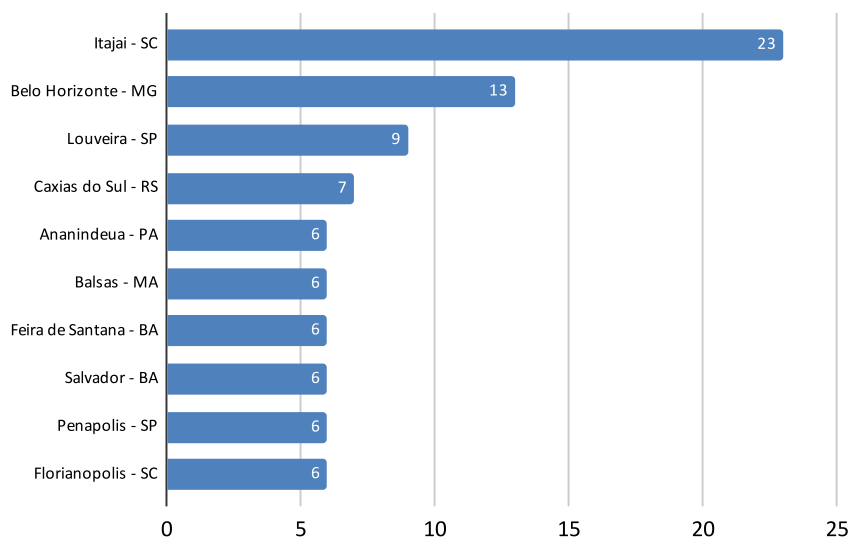


Figura 7.1 - top 10 variação absoluta no nº de estabelecimentos (2015-2019) por município

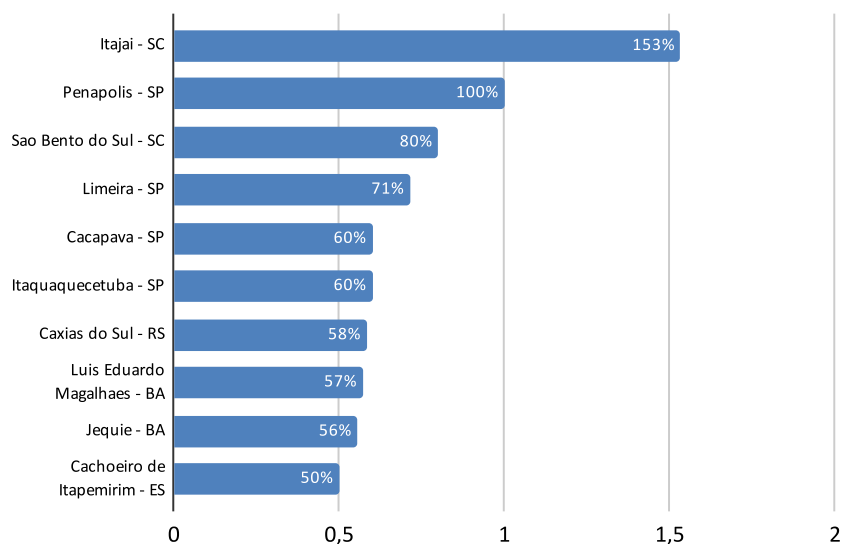


Figura 7.2 - top 10 variação percentual em municípios com 5 ou mais estabelecimentos em 2015

Por fim, vale ressaltar a estrutura funcional desses estabelecimentos. Em 2019, em mais de 91% dos casos, o mercado varejista de bicicleta era composto por microempreendedores individuais ou microempresas com até quatro funcionários. A tendência observada nos cinco anos aqui analisados foi de uma relevante diminuição no número de estabelecimentos nessas fatias principais.

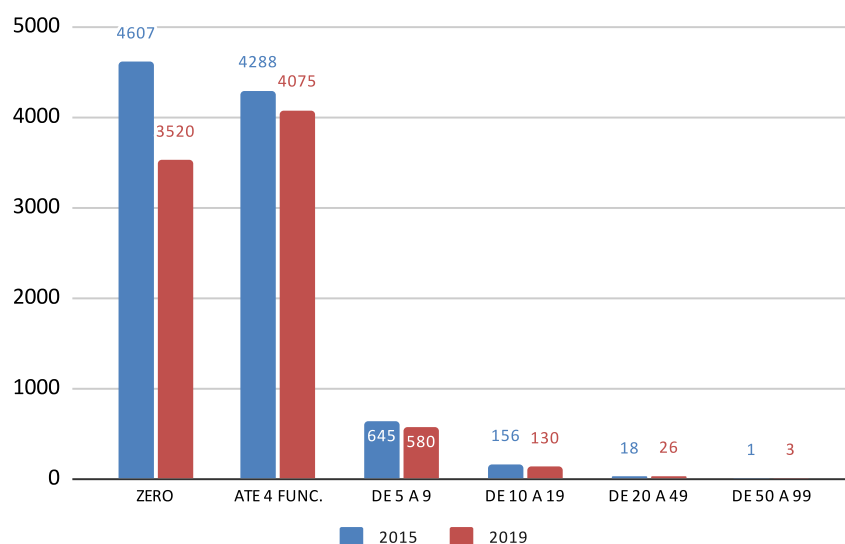


Figura 8 – nº de estabelecimentos por tamanho em 2015 e 2019 respectivamente

2.2 REPARAÇÃO

O mercado cadastrado com atividade econômica principal de “Reparação de bicicletas, triciclos e outros veículos não-motorizados” pode ser compreendido como um complemento marginal àquele do comércio varejista de bicicleta. Em geral, os estabelecimentos de reparação são estimados como um acréscimo da ordem de 10% nos valores apresentados para o comércio varejista, porém com uma distribuição territorial menos “interiorizada” e estruturas funcionais ainda menores

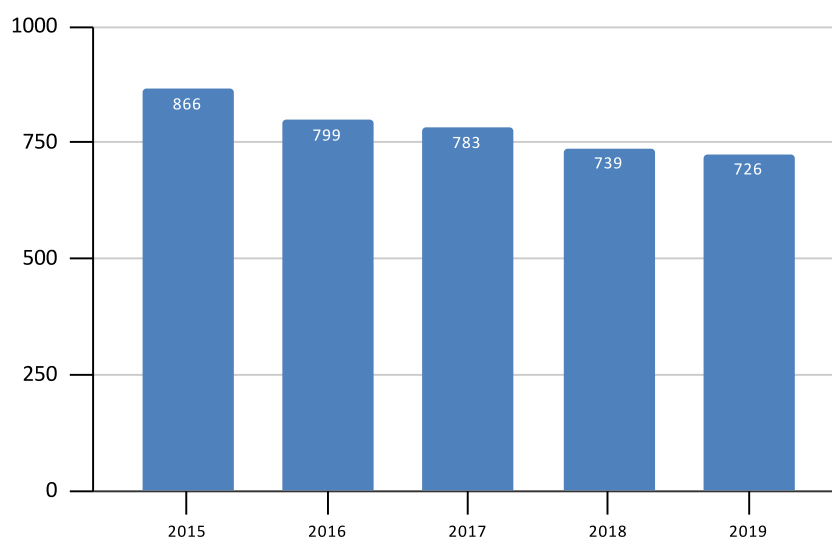


Figura 9 - nº de estabelecimentos (2015 a 2019)

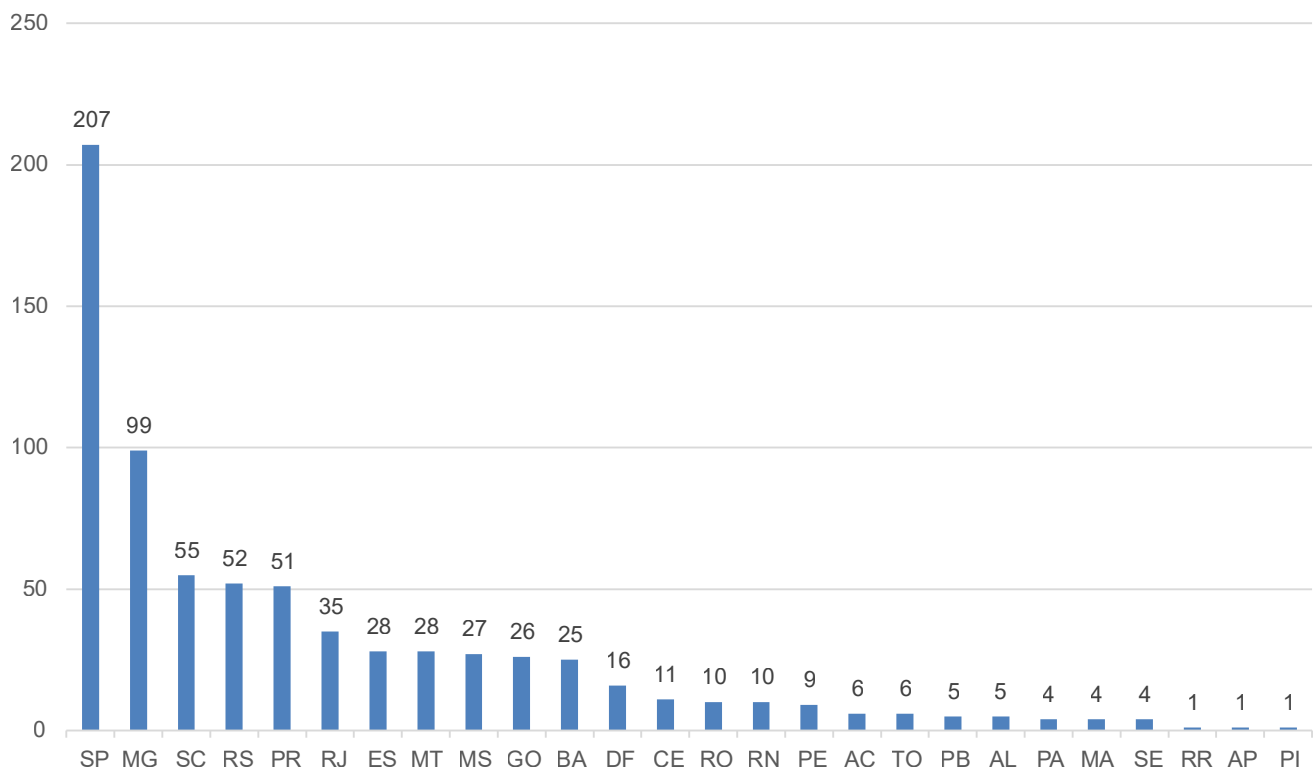


Figura 10 - nº de estabelecimentos (2019) por UF

3 EMPREGOS

Em 2019, cerca de 37% dos municípios brasileiros contavam com ao menos um dos 14.589 vínculos empregatícios¹ formais cadastrados com atividade econômica principal “Comércio varejista de bicicletas e triciclos; peças e acessórios” ou “Reparação de bicicletas, triciclos e outros veículos não-motorizados”². Nos últimos anos, o mercado atingiu um vale em 2017 após o seu pico histórico na primeira metade dos anos 2010. Nos anos seguintes vemos uma ligeira recuperação, porém ainda instável até os dados de 2019. Houve uma redução de aproximadamente -2% no período de cinco anos analisado.

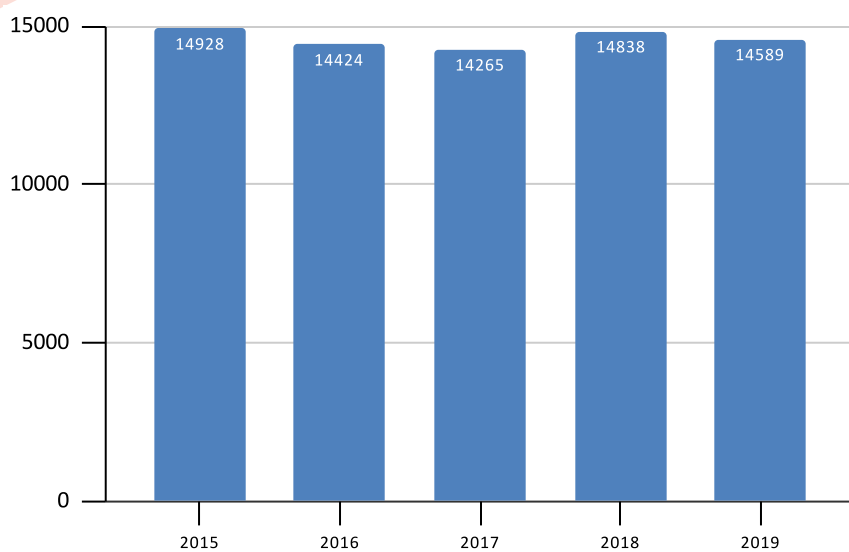


Figura 11 - nº de empregos (2015 a 2019)

¹ Vínculos ativos em 31/12 de cada ano.

² Para fins de otimização, os dados de vínculos empregatícios foram apresentados de forma conjunta. De maneira geral, a CNAE “Comércio Varejista” é responsável por cerca de 95% dos empregos no setor.

Em termos de distribuição territorial, essa mão-de-obra segue um padrão similar ao dos estabelecimentos. Mais uma vez é a região Sudeste que lidera, concentrando, em 2019, 45% desses empregos (São Paulo e Minas Gerais à frente). Seguida pelas regiões Nordeste e Sul. Quanto aos estados, destaca-se o Rio de Janeiro, em terceiro lugar, que proporcionalmente emprega mais que a média nacional de vínculos por estabelecimento (2,7 contra 1,6 respectivamente).

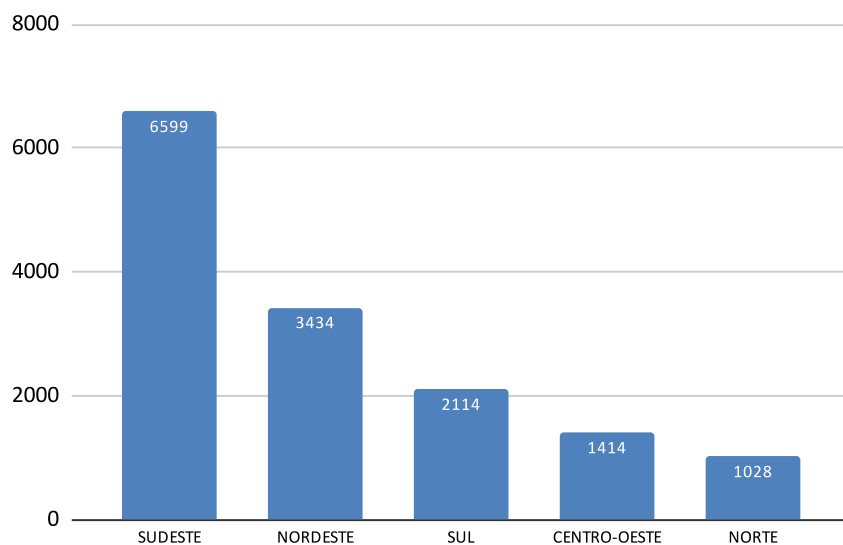


Figura 12 - nº de empregos (2019) por região

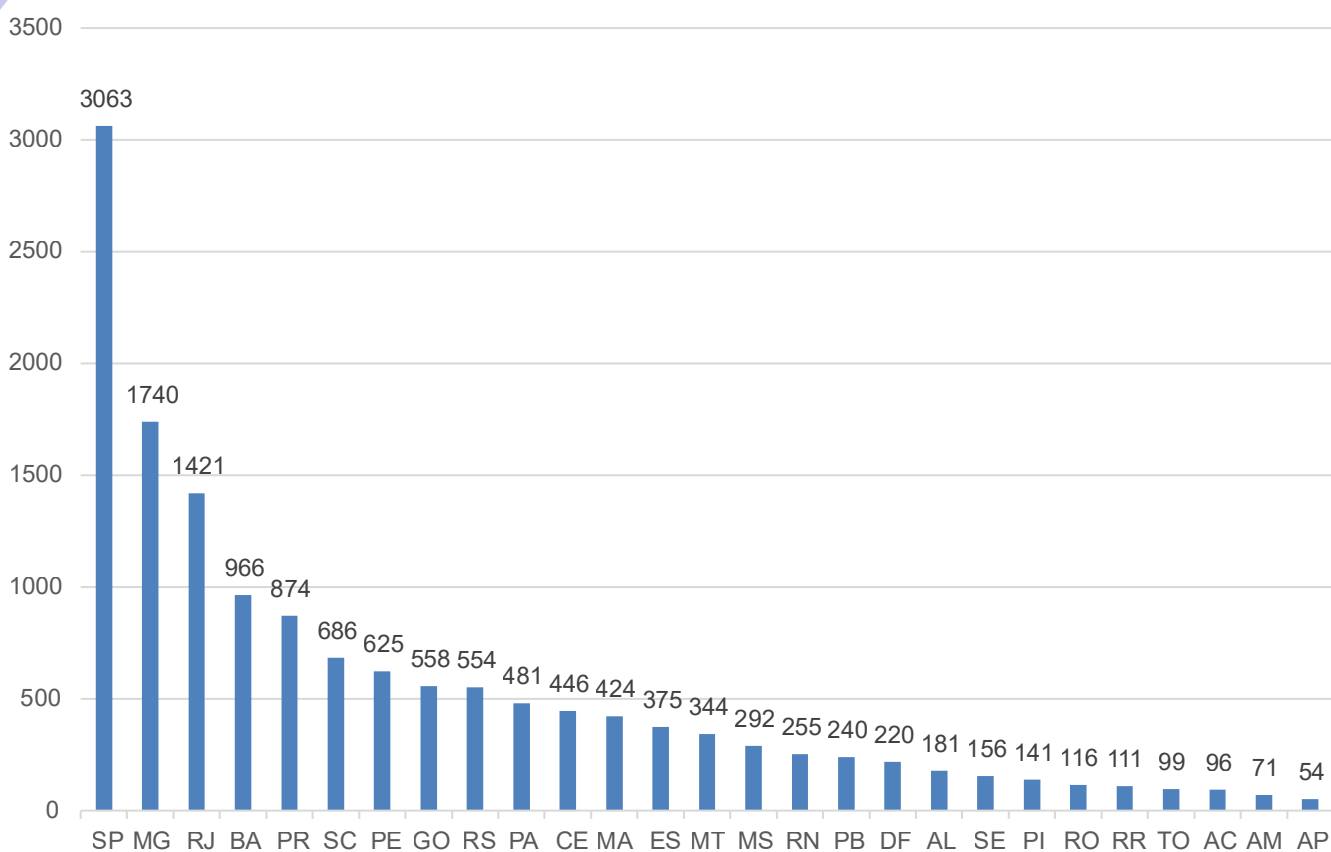


Figura 13 - nº de empregos (2019) por UF

Olhando mais uma vez para os municípios, São Paulo (SP) continua sendo a cidade mais relevante, seguida de perto pelo Rio de Janeiro (RJ). Excluindo as 27 capitais dos estados e do Distrito Federal, podemos ver que São Gonçalo (RJ) se destaca com uma relevante força de trabalho empregada no setor. Em suma, as capitais concentravam, em 2019, cerca de 24% da mão-de-obra.

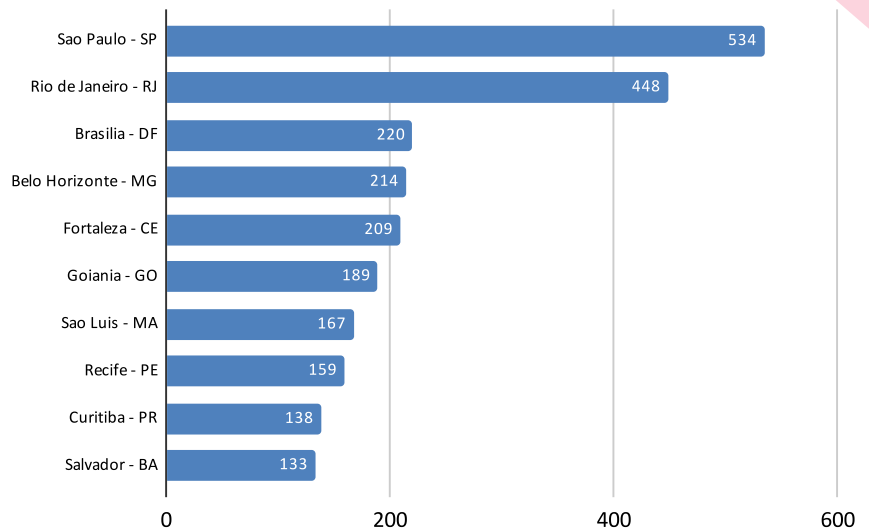


Figura 14.1 - top 10 nº de empregos (2019) por capitais

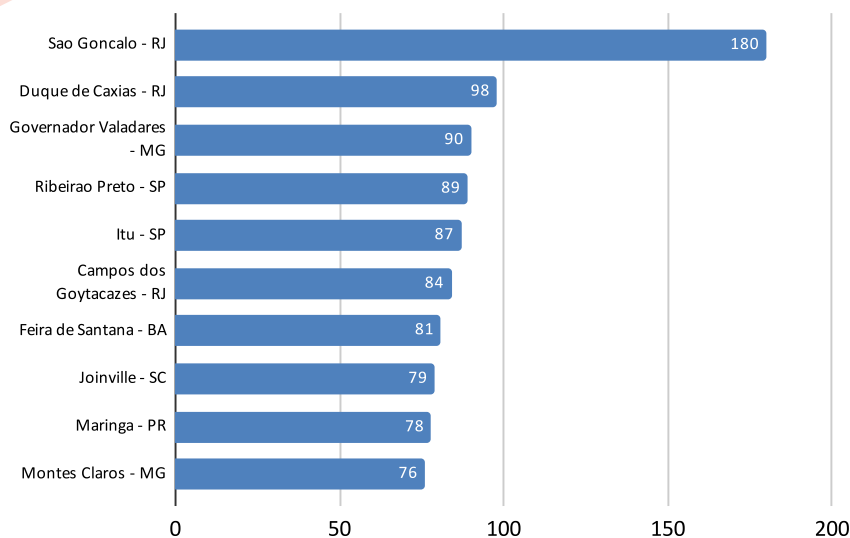


Figura 14.2 - top 10 nº de empregos (2019) por não-capitais

O estudo da variação do número de empregos entre os anos de 2015 e 2019, mais uma vez, qualifica a tendência observada no panorama geral. As regiões apresentam trajetórias bastante distintas. Centro-Oeste, Sul e Sudeste cresceram no período (a primeira de forma bastante expressiva, puxada principalmente pelo estado de Goiás). Já o Norte perdeu -20% de sua força de trabalho (Tocantins com uma variação negativa de quase metade da sua mão-de-obra formal no setor).

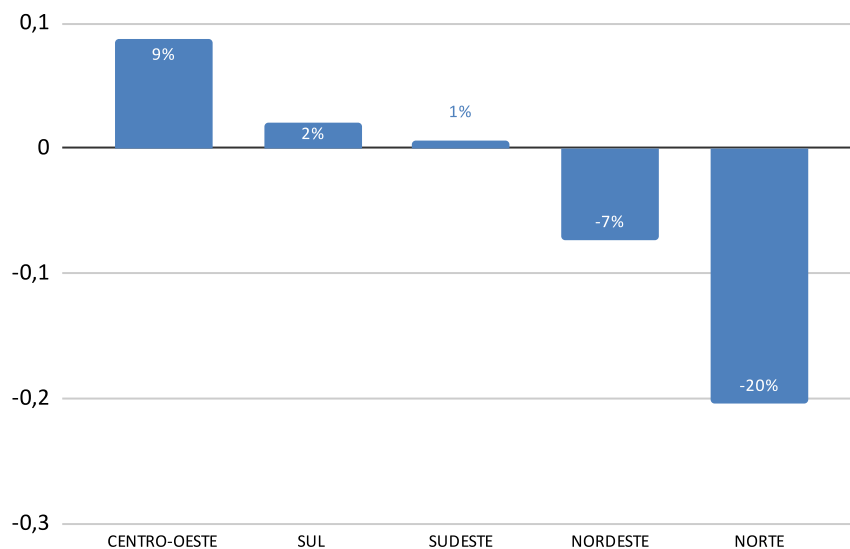


Figura 15 - var. perc. n° de empregos (2015-2019) por região

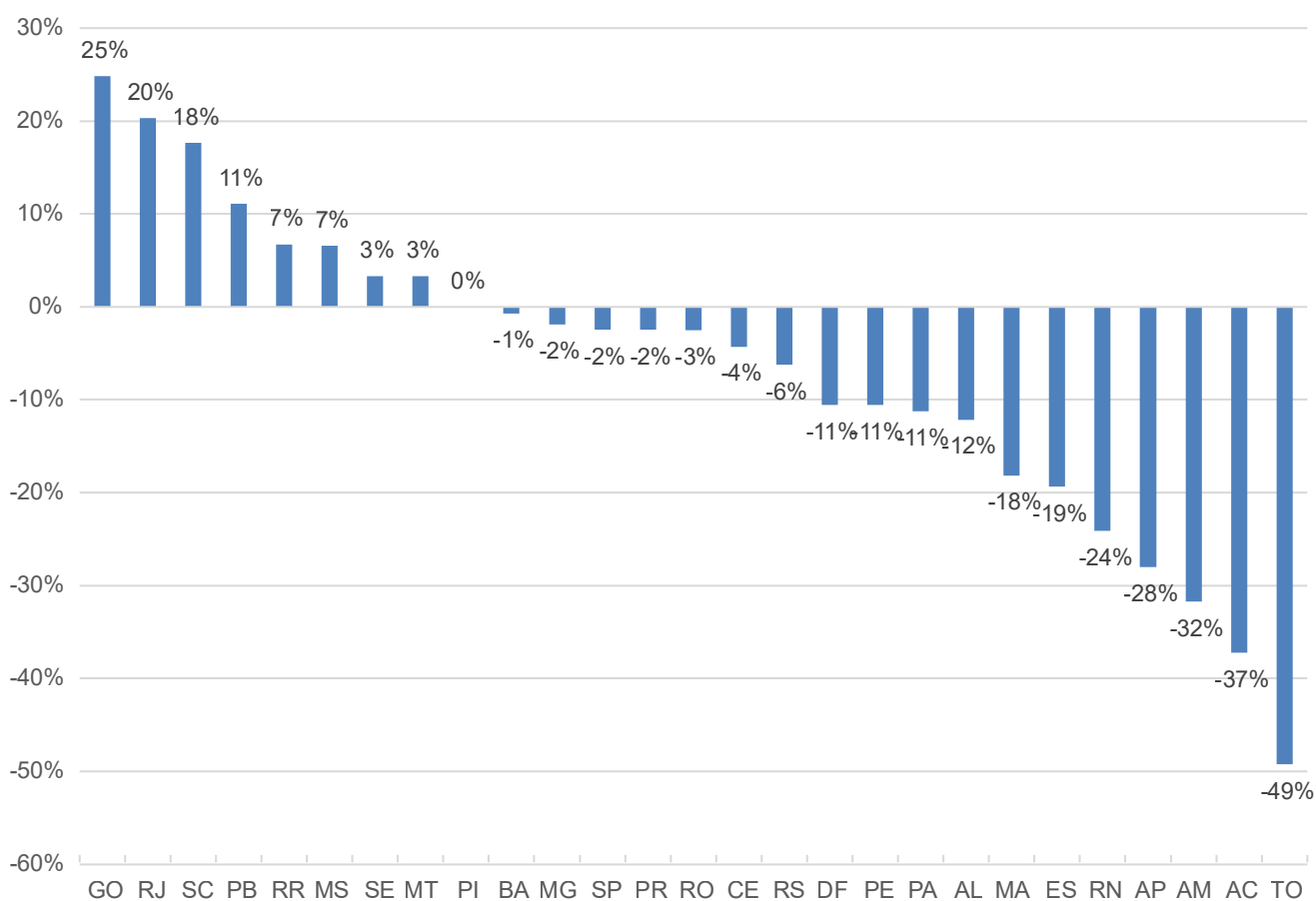


Figura 16 - var. perc. n° de empregos (2015-2019) por UF

Considerando a perspectiva dos municípios, vê-se que as cidades com maior crescimento na mão-de-obra não diferem muito das destacadas como principais capitais e não-capitais. Chama a atenção, no entanto, o caso de São Gonçalo (RJ) que mais que triplicou sua força de trabalho no período estudado.

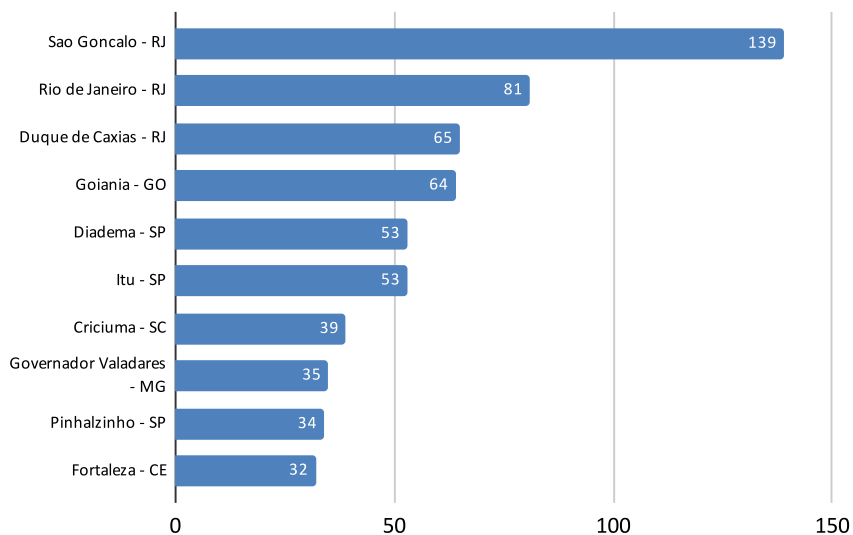


Figura 17.1 - top 10 variação absoluta no nº de empregos (2015-2019) por município

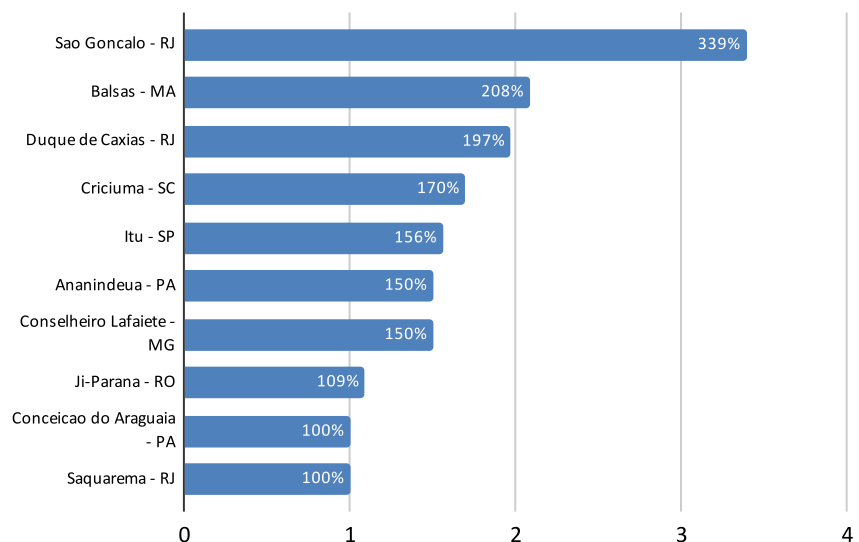


Figura 17.2 - top 10 variação percentual no nº de empregos (2015-2019) em municípios com 10 ou mais vínculos em 2015

A análise dos vínculos empregatícios permite também explorar a estrutura salarial do mercado varejista de bicicleta no período. Considerando aqueles trabalhadores com vínculos ativos em 31/12 de 2019, em média, o salário mensal médio foi de R\$1.412,23 (aproximadamente 42% acima do salário-mínimo naquele ano). O que representa uma tendência de crescimento de 26% nos cinco anos analisados (5% acima da inflação no período)³.

³ Medida pelo IPCA acumulado de julho de 2015 a julho de 2019.

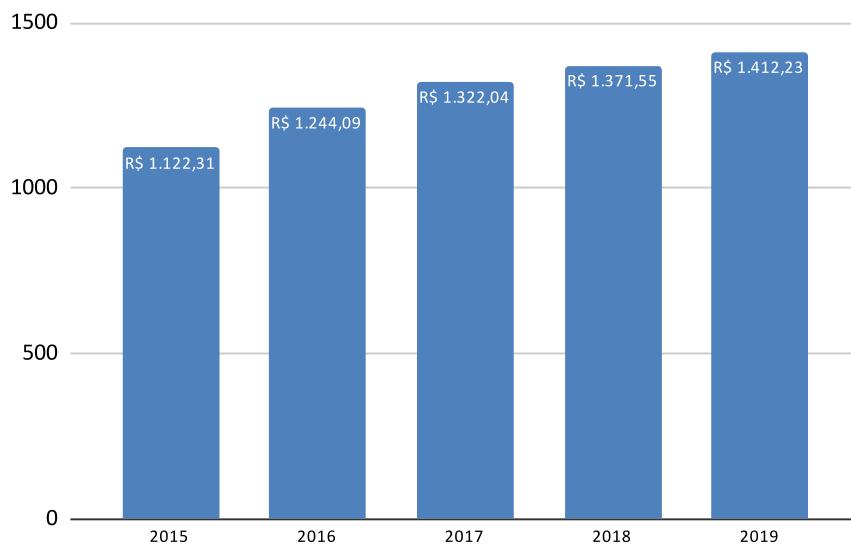


Figura 18 - salário mensal médio (2015 a 2019)

A distribuição territorial do salário mensal médio é bem menos dispersa que os demais indicadores apresentados até aqui. Em 2019, a região Sul lidera o ranking com um salário mensal médio de R\$1.649,31. Olhando para os estados, o destaque é Santa Catarina com uma remuneração média de R\$1.796,99. Por fim, alguns municípios também se destacam nesse indicador como é o caso de Criciúma (SC), com salário acima de R\$2.900,00 (dentro daqueles municípios com 10 ou mais vínculos empregatícios naquele ano).

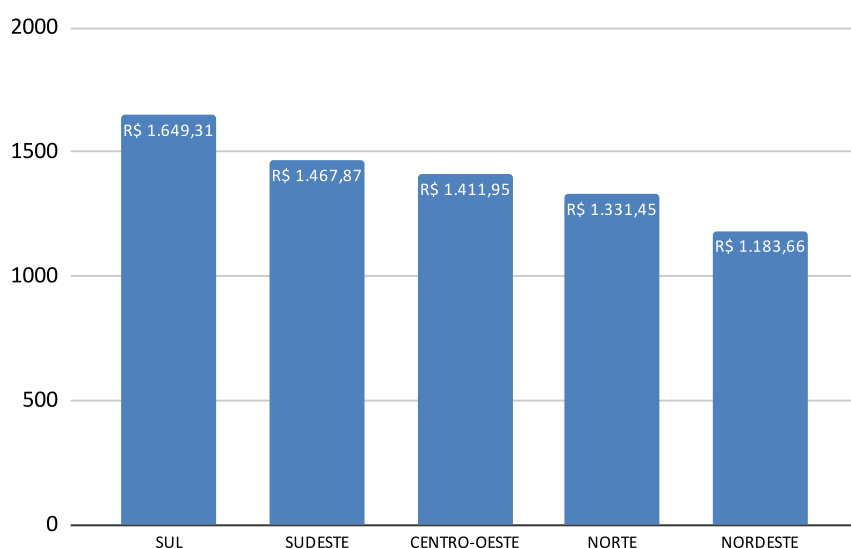


Figura 19 - salário mensal médio (2019) por região

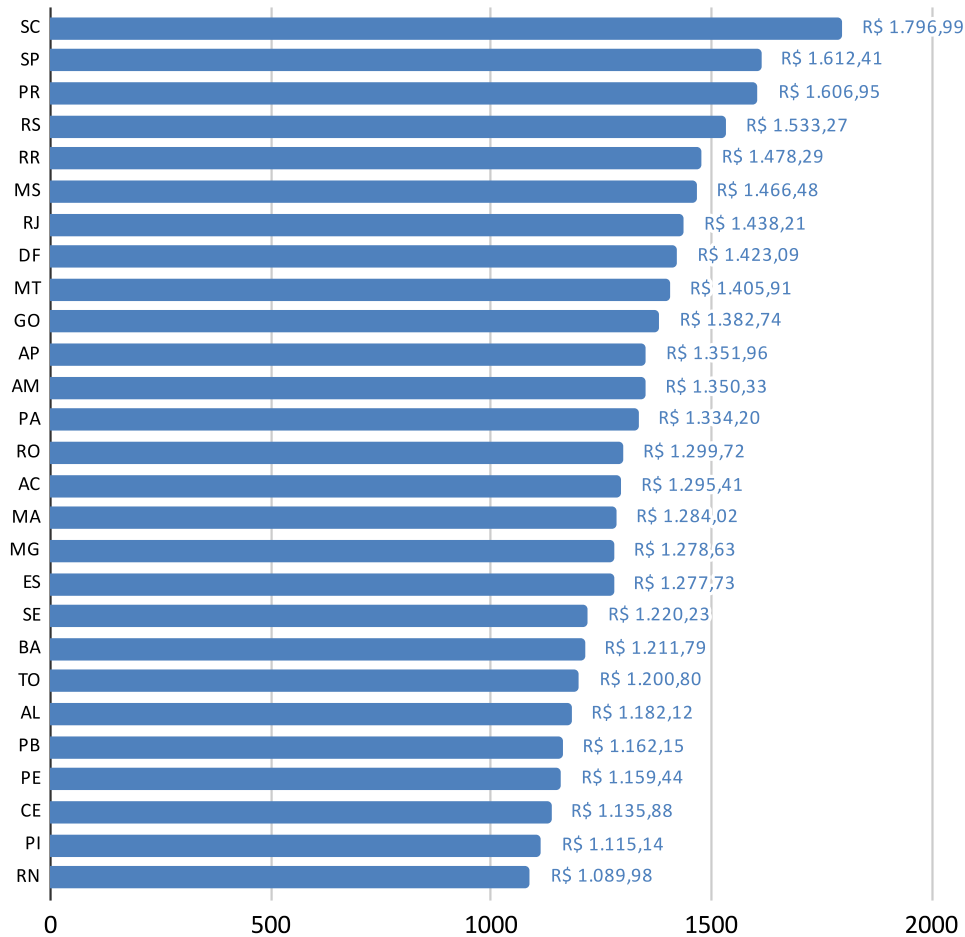


Figura 20 - salário mensal médio (2019) por UF

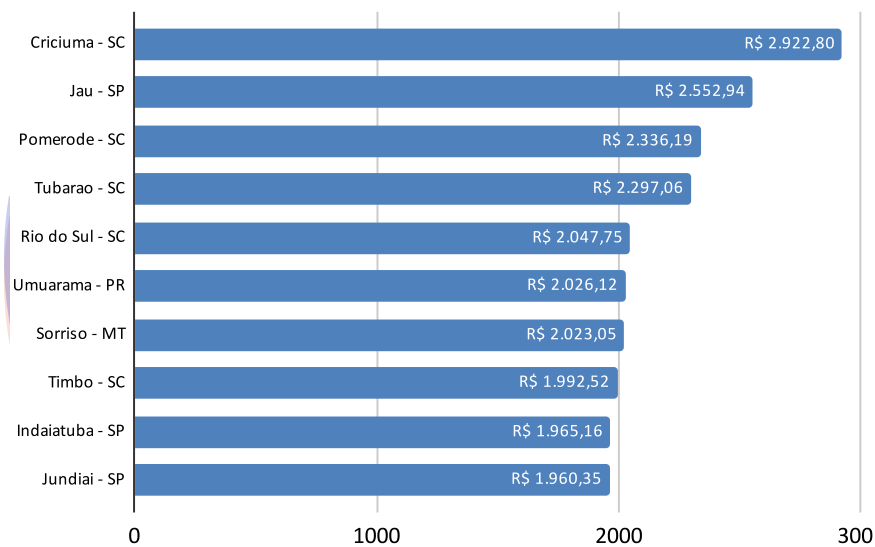


Figura 21 - top 10 salário mensal médio (2019) por município com 10 ou mais empregos

Sendo assim, a massa salarial movimentada pelo mercado girou em torno de R\$250 milhões em 2019 (incluindo no cálculo qualquer vínculo remunerado no ano). Um acréscimo de 21% no período de cinco anos (equivalente à inflação).

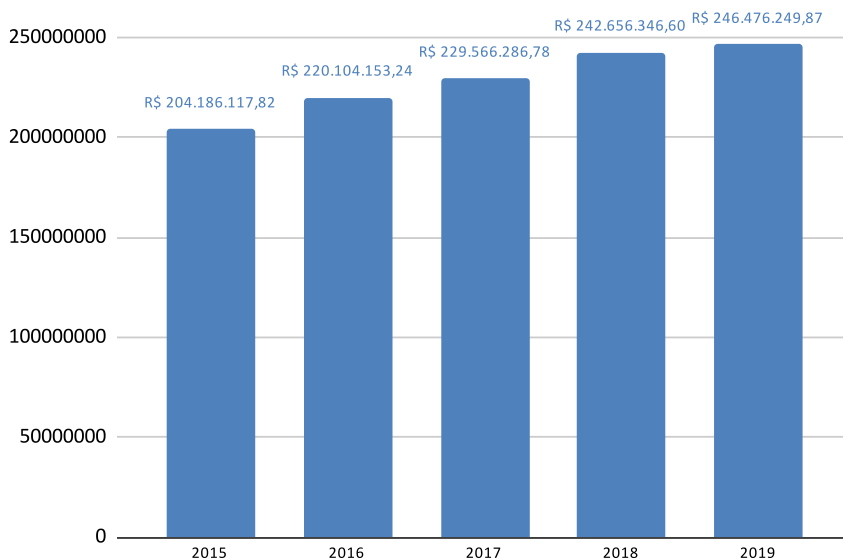


Figura 22 - massa salarial (2015 a 2019)

Dentre as ocupações, destacam-se vendedores e mecânicos representando metade da força de trabalho do comércio varejista de bicicleta em 2019.

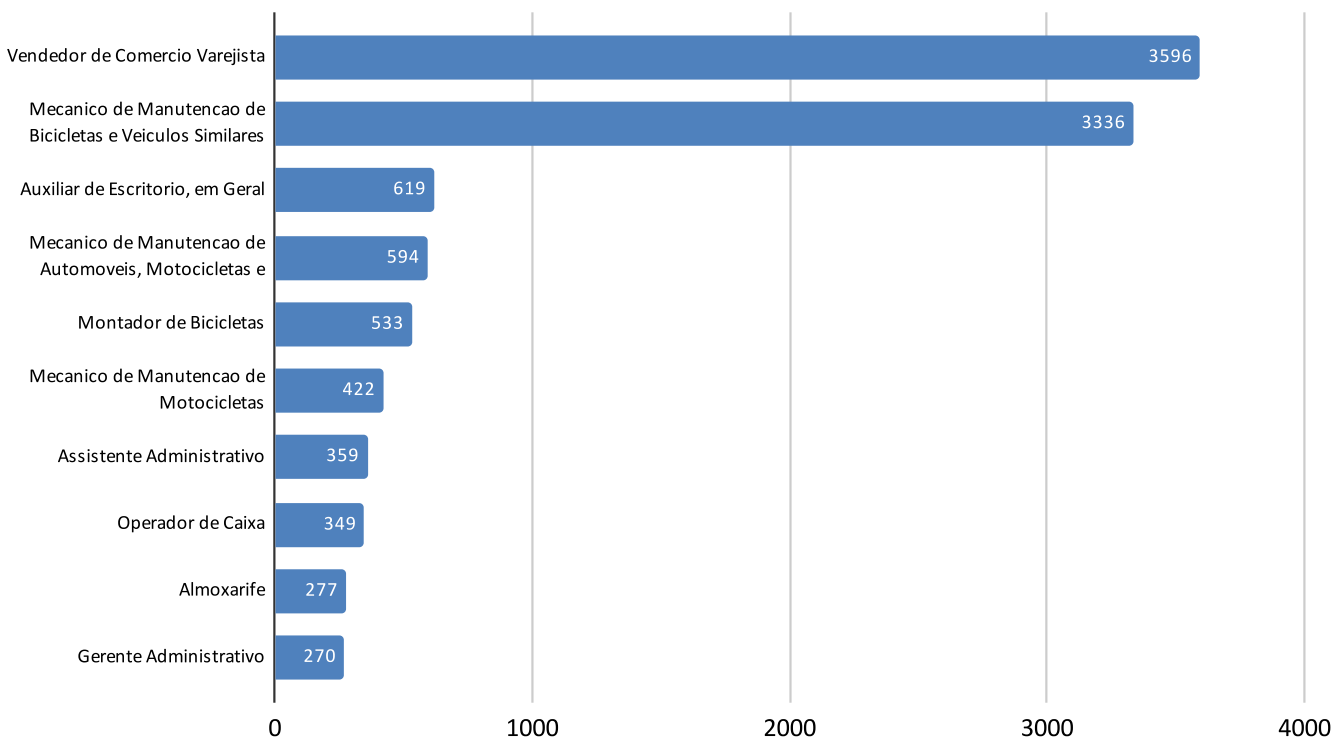


Figura 23 - nº de empregos por top 10 ocupações (2019)

O perfil dos empregados em termos de sexo, idade, raça/cor e grau de instrução, em 2019, era majoritariamente masculino, com idade entre 18 e 49 anos, brancos (44,88%) e negros (37,86%) e com grau de instrução de ensino médio completo ou incompleto.

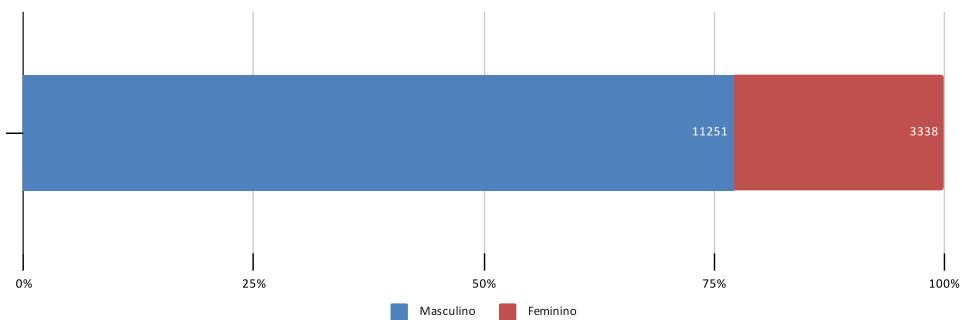


Figura 24.1 - perfil dos empregados por sexo (2019)

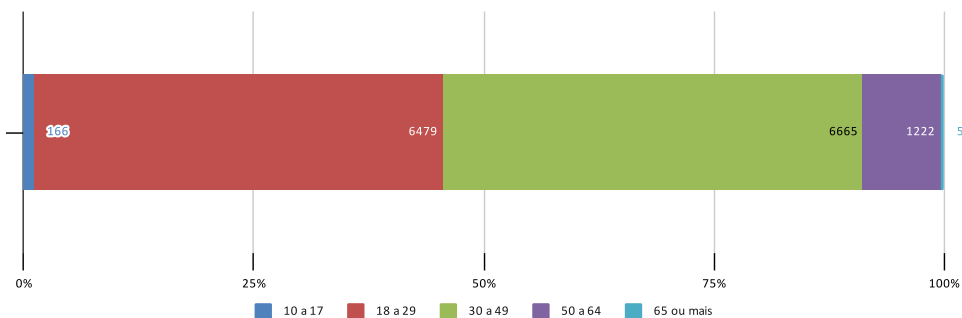


Figura 24.2 - perfil dos empregados por idade (2019)

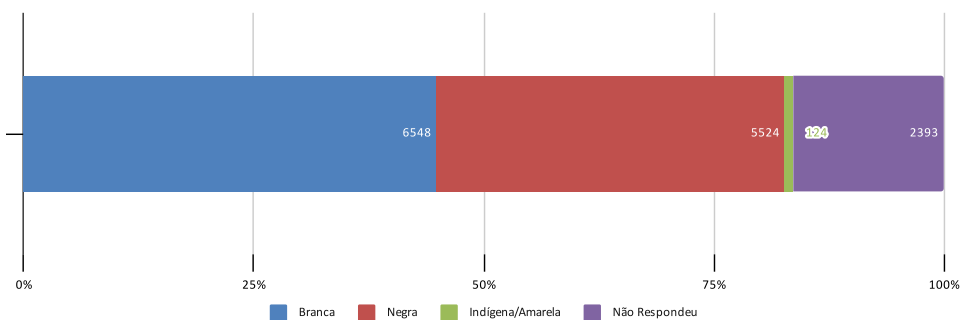


Figura 24.3 - perfil dos empregados por raça/cor (2019)

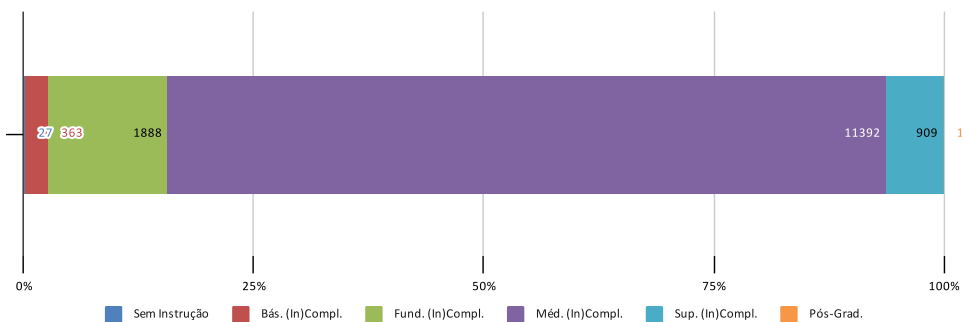


Figura 24.4 - perfil dos empregados por grau de instrução (2019)

Com os maiores salários das principais ocupações concentrados nas funções administrativas. Em especial, de gerência, com uma média próxima a R\$2.000,00 de remuneração mensal média.

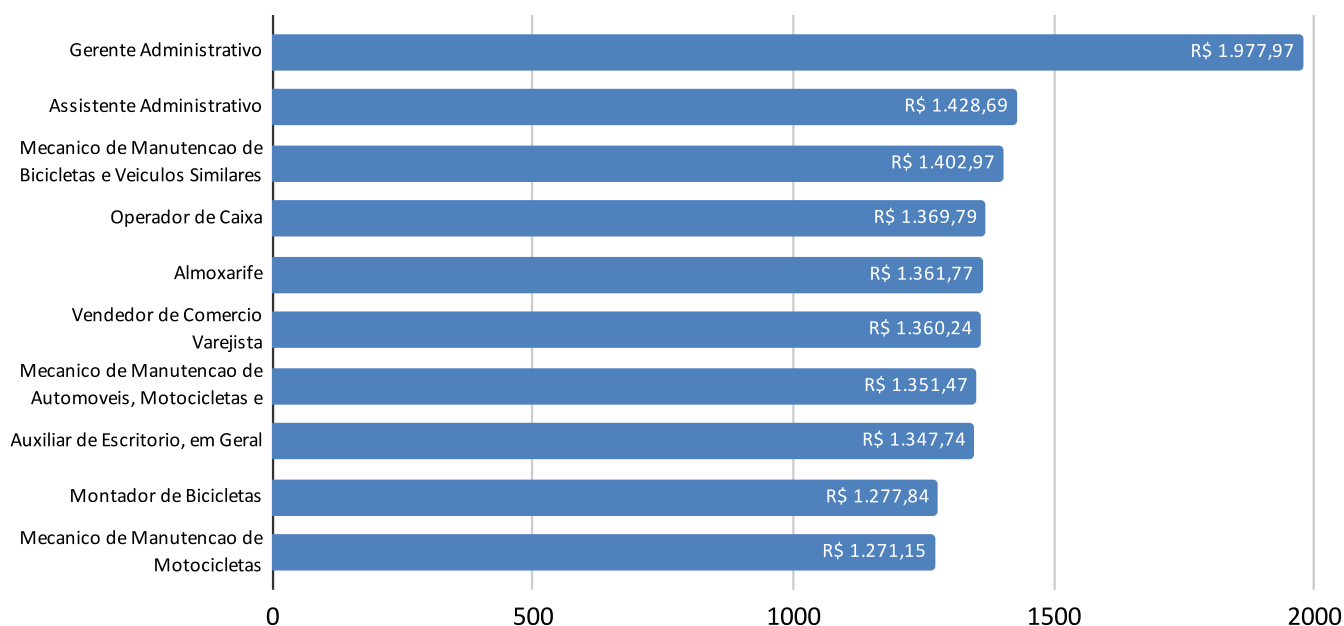


Figura 25 - salário mensal médio (2019) nas top 10 ocupações

Por fim, apresentamos um modelo que buscou estimar o quanto a população de um determinado município é capaz de explicar o tamanho do comércio varejista de bicicleta nele existente. A regressão linear, limitada aos municípios com 100.000 ou mais habitantes, aponta que, em média, é esperado que, para cada 100.000 habitantes, pouco mais de 5 empregos existam no setor de comércio varejista de bicicletas somados a um patamar mínimo constante de cerca de 10 empregos.

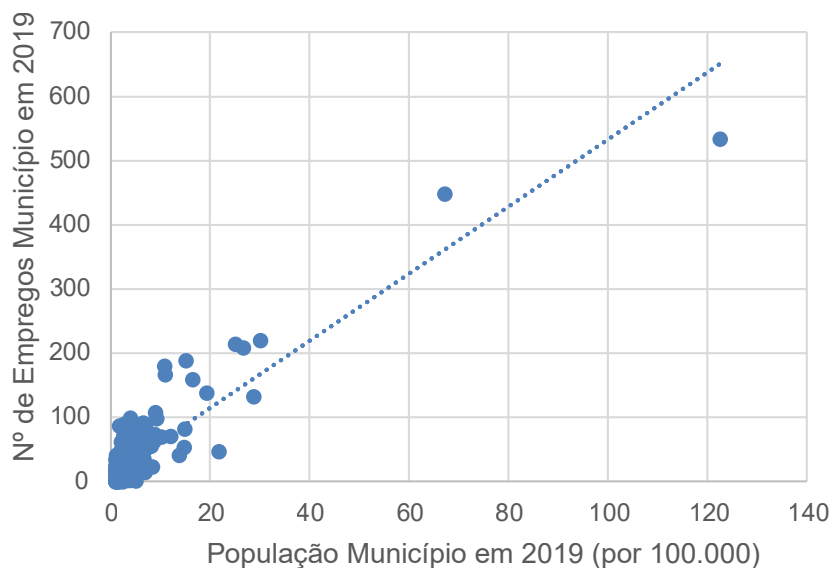


Figura 26 - nº de empregos por população nos municípios com 100.000 ou mais habitantes em 2019

4 TENDÊNCIAS

Com base nos dados do CAGED, buscamos avaliar as principais tendências observadas no comércio varejista de bicicletas (reparação inclusive) desde o início de 2020 até meados de 2021 com especial atenção para os efeitos da crise pandêmica. Nota-se que, com exceção dos meses de março, abril e maio de 2020, justamente os de início da crise, todos os outros meses tiveram saldo positivo no número de empregos do setor. Acrescentando 1.119 postos de trabalho em 2020 e outros 1.259 até julho de 2021. Aumento que, acumulado, indica um crescimento de mais de 16% comparado com os dados da RAIS de 2019.

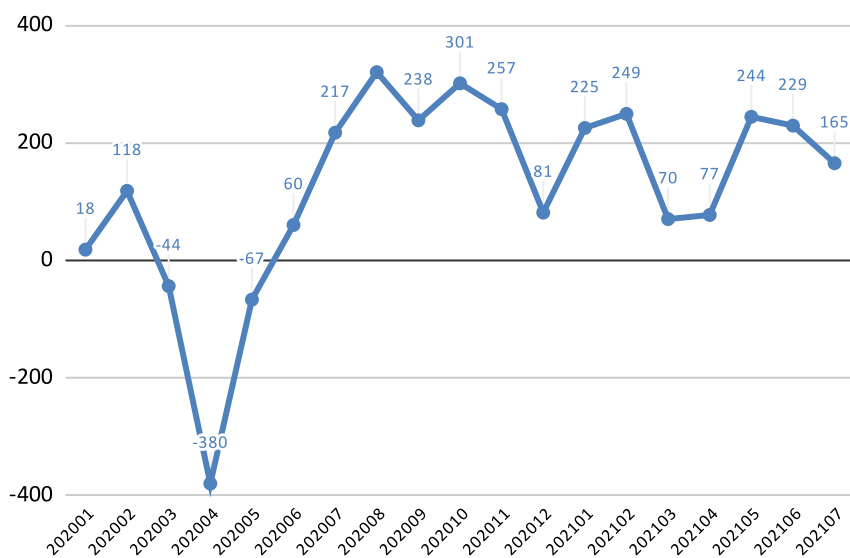


Figura 27 - saldo entre admissões e desligamentos no comércio varejista (reparação inclusive) entre jan/2020 e jul/2021

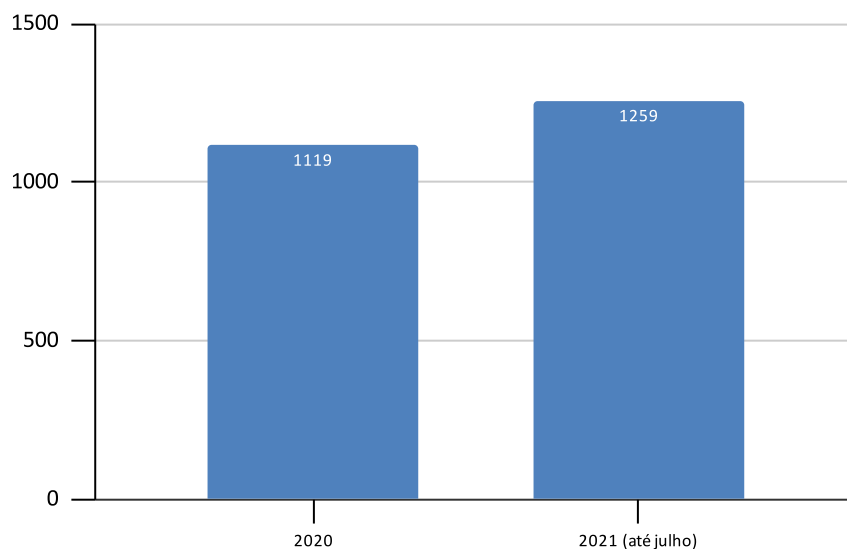


Figura 28- saldo acumulado entre admissões e desligamentos no comércio varejista (reparação inclusive) em 2020 e 2021 (até julho)

Os dados abertos por UF permitem concluir também que a tendência de crescimento é praticamente generalizada em todo o país (com exceção do estado do Amazonas). O destaque fica para São Paulo com saldo positivo de 564 vagas nos 19 meses analisados desde jan/2020. Percentualmente, Paraná, Mato Grosso do Sul e Tocantins são os estados com as variações mais relevantes aumentando em cerca de um terço a força de trabalho formal no período.

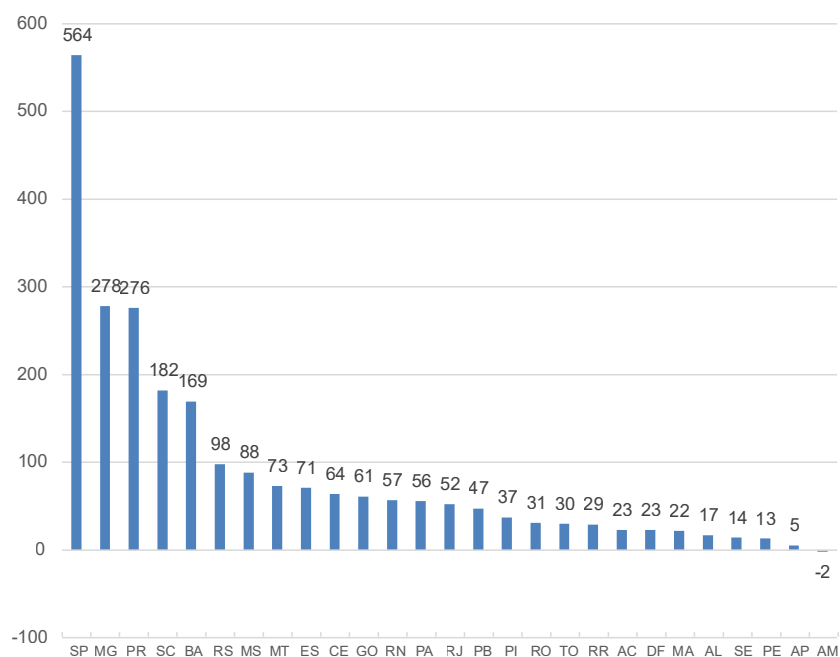


Figura 29.1 - saldo entre admissões e desligamentos no comércio varejista (reparação inclusive) entre jan/2020 e jul/2021 por UF

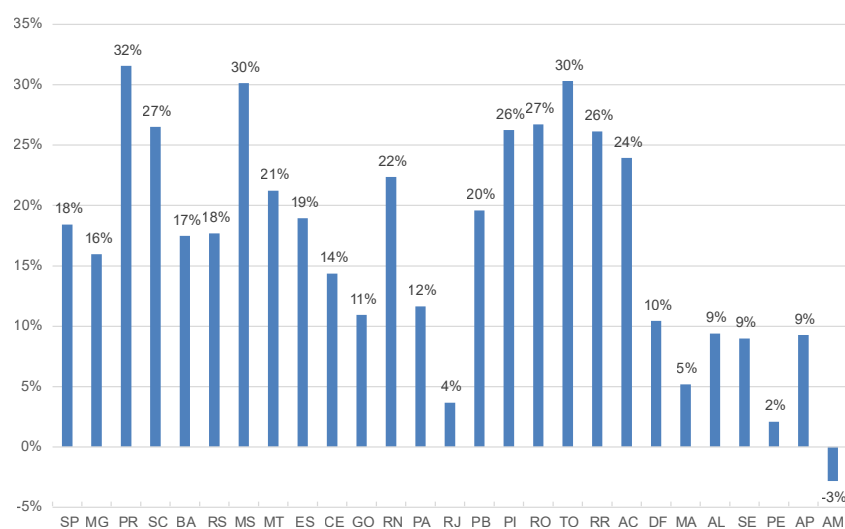


Figura 29.2 - variação percentual com relação aos dados de 2019 por UF

As evidências ajudam a sustentar a interpretação de que a pandemia de Covid-19, em que pese suas dramáticas externalidades negativas, acabou por contribuir para o crescimento do mercado formal de bicicletas no Brasil. Em especial, ajudando na geração de empregos no comércio varejista do setor que se mantém em um patamar de saldo positivo relativamente estável desde meados de 2020. O que indica um provável retorno, no curto prazo, a valores similares ao do pico histórico observado na primeira metade dos anos 2010.

APOIO



REALIZAÇÃO



 /AliancaBikeOficial

 @aliancabike

 /aliancabike

 @AliancaBike

 (11) 97114 0140

 www.aliancabike.org.br

 contato@aliancabike.org.br